

A JANELA DA MINHA MÃE

Licenciatura

28'

2011





Sinopse

Margarida Lobo é uma mulher solitária que acorda todos os dias com a esperança de voltar a ver a família. Ela está condicionada à mesma rotina: varrer, limpar e cozinhar. Um dia, conhece uma criança através da janela e acredita ingenuamente que se trata do seu filho. Na realidade, aquela criança é filha de um homem que procura Margarida para lhe entregar uma carta. O pai e o filho são ambos pobres e esfomeados. Margarida adota-os e acolhe-os em sua casa com se fossem a sua família, mas as coisas não correm como seria de esperar.

Ficha técnica

ATORES

Jorge Mota; Margarida Carvalho;
Rodrigo Antunes

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Pedro Orvalho

DIREÇÃO DE SOM

Tiago Fernandes

MONTAGEM

Tiago Soares

PRODUÇÃO

Fernando Cabral; Inês Lebreaud

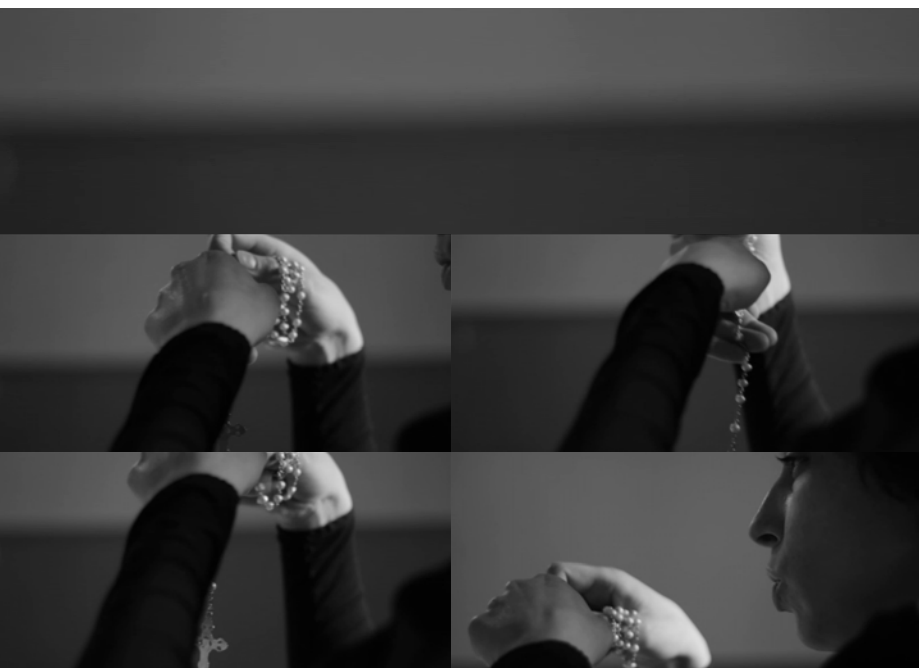
REALIZAÇÃO

Tiago Soares



Prémios e Exibições

MOSTRA UBICINEMA
Câmara de Lobos, 2014



NÃO BASTA ABRIR A JANELA: O TRÁGICO EM A JANELA DA MINHA MÃE

ANA LEONOR MORAIS DOS SANTOS

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR / LABCOM.IFP

*E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.*

Alberto Caeiro

Objecto secular de reiteradas e constantes apropriações artísticas, a janela surge em *A janela da minha mãe*, de Tiago Soares, representada na sua vasta simbologia e segundo distintas possibilidades metafóricas. Convocando-a para o título, dá-se-lhe, desde logo, um protagonismo consentâneo com o valor que detém no enredo, ao mesmo tempo que se incita o espectador a adentrar no filme por essa via. Por sua vez, ao acrescentar o complemento circunstancial de posse “da minha mãe”, Tiago Soares introduz um elemento disruptivo face à narrativa, cuja natureza enigmática não chega a desvanecer.



A história

A sinopse do filme apresenta-o como a história de “uma mulher solitária que acorda todos os dias com a esperança de voltar a ver a família”. A rotina dos trabalhos domésticos é quebrada num dia em que essa mulher “conhece uma criança através da janela e acredita ingenuamente que se trata do seu filho”. Acolhe-o, bem como ao pai do rapaz, “como se fossem a sua família, mas as coisas não correm como seria de esperar”.

Dividido em três capítulos – “a janela”, “o conto” e “era uma vez uma mãe” –, o filme tem como protagonista Margarida Lobo, que vemos pela primeira vez a olhar por uma janela aberta, com a câmara colocada do lado de fora; é por ela que o espectador é convidado a entrar na vida daquela mulher. As primeiras palavras correspondem a uma oração pelo regresso dos Lobo, que parece prenunciar o desenrolar da história. A súplica ao Pai pelo cuidar dos que lhe são queridos e para que lhes mostre o caminho para casa é acompanhada de apontamentos sobre o engano e a solidão que marcam as horas de espera por uma “cria”, que “jamais perdurará no esquecimento”.

O isolamento de Margarida é interrompido quando um pai e um filho cumprem a tarefa de lhe entregar uma carta. Pela janela, notámos antes na alusão à sinopse, Margarida vê o rapaz, que identifica como seu filho.

No capítulo 2, o recurso à analepse conduz o espectador até ao passado, através da voz de um narrador, que expressa o sentido de alcateia literalmente colocado no nome de família, e que se perde com a morte da mãe de



Margarida. A janela é convocada nas primeiras palavras e, pela primeira vez, as cores juntam-se à imagem: “Era uma vez uma janela que habitava uma casa isolada. Outrora, na sua juventude, a janela testemunhou o namoro de dois irmãos. Margarida apaixonara-se por Fernando. Mas começemos pelo princípio”.

Numa sequência que reproduz as características dos contos, o narrador dá a conhecer a história da família Lobo, levada pelo pai António numa viagem em busca do lugar idílico para construir a casa dos seus sonhos, a mesma casa onde verá morrer a mulher e nascer um neto, fruto da relação entre Margarida e o irmão. A casa, construída no local onde encontraram uma macieira cujos frutos lhes saciaram a fome, é o lugar de todos os acontecimentos relevantes. Note-se a escolha da árvore, símbolo da casa e da família, da esperança e da determinação, na tradição judaica, mas também da discórdia, na mitologia grega, e com o seu fruto associado ao pecado original, na tradição cristã.

O desenlace de “o conto”, próximo do registo das tragédias clássicas, dá-se com o suicídio de António, depois de ter matado o neto recém-nascido. Aliás, o próprio tema do incesto e a narrativa dos acontecimentos fatalmente trágicos que lhe estão associados são uma recuperação de muito do universo mítico-trágico, de que Édipo é paradigmático, tanto na sua tragédia quanto na dos filhos – particularmente Antígona –, nascidos da relação incestuosa com Jocasta.

De regresso ao presente, e ao bi-cromático preto e branco do capítulo 1, em “era uma vez uma mãe” dá-se o encontro de Margarida com o pai do rapaz, que o encontra sentado à mesa na casa da mulher. A insistência desta de que se trata da sua família e a acusação de que aquele homem já não a reconhece, nem ao filho de ambos, terminam com um acto de violação, a que o rapaz assiste pela janela.

Novamente sozinha, Margarida repete a oração inicial. À janela.

As personagens

Começamos com as personagens de “o conto”, por serem elas que permitem enquadrar a história: Ana Margarida, a mãe; António, o pai; Fernando e Margarida, os filhos. De Ana Margarida, a mãe Lobo, sabemos apenas que, já na que deveria ser a casa de sonho, adoeceu e morreu, “só e angustiada”, confessando à filha ter procurado a paixão, mas ter recebido sempre indiferença e repúdio por parte do marido.

De António temos a percepção primeira de alguém convicto de ser capaz de levar a alcateia “a bom porto”, numa viagem à procura do sonho, que “revelava ser um acto de fé”, mas na qual a família se viu confrontada com



a fome. Ffinda a jornada da procura, e construída a casa, é-nos apresentado um António que terá rejeitado a mulher, despreza os filhos, ajuda o neto a nascer, para logo de seguida o colocar num saco e atirá-lo a um lago. O arrependimento e a vergonha conduzem-no ao suicídio. É-nos contada, desta forma, a transformação de um homem que procurava encaminhar a família até bom porto em um homem cujo alheamento em relação à família leva a consequências trágicas, derrotando-o face ao que é considerado lícito, à consciência e à vida.

De Fernando quase nada se sabe; apenas que se apaixonou pela irmã, que a engravidou e que a terá deixado sozinha naquela casa isolada, pois embora o narrador se refira a Margarida como “única sobrevivente da tragédia que irrompeu no seio da família Lobo”, sabemos-lo vivo por intermédio da carta que tenta fazer-lhe chegar, e cujo conteúdo não é revelado.

Quanto a Margarida, “passava tardes inteiras à janela” a observar o irmão. Foi ela quem tomou a iniciativa do beijo, e foi ela quem desafiou o pai, primeiro escondendo a gravidez e depois atribuindo-a à vontade de Deus. Mantém



uma relação particular com a janela, enquanto objecto determinante da sua vivência. Vive o presente isolada, consciente da solidão, numa espera da qual diz retirar prazer. Cumpre rotinas domésticas, entre as quais estender lençóis imaculados, em contraste com um outro manchado de sangue. Convencida de que o rapaz que vê pela janela é o filho e de que o homem é o irmão, não cede ao reconhecimento do engano, insistentemente denunciado pelo homem, nem com a primeira agressão nem com a violação. Recebe ambos numa mesa posta para cinco, como se esperasse que os pais se juntassem ao que para ela é o reencontro da família.

Depois de violada, é deixada novamente na condição de lobo solitário que, com o seu chamamento em forma de prece, procura a sua alcateia, esperando vislumbrá-la pela janela.

À semelhança do que acontece com António, há na história de Margarida um conjunto de elementos que reproduz características das tragédias gregas. Aquilo que podemos considerar a sua *hybris* condena-a a uma vivência de castigos: a perda do filho, o suicídio do pai, o abandono do irmão, a solidão, a loucura, a violação, e de novo a solidão, numa espera inútil.

Restam as personagens Luís e Leandro, pai e filho, respectivamente.

Sobre Luís, o espectador sabe que vive na mesma aldeia de Fernando, de quem é vizinho, e por quem foi incumbido de entregar uma carta a Margarida, sem que a abrisse. É analfabeto, aparenta ser um homem comum, ainda que um pouco rude no modo como trata o filho diante das adversidades. Quando confrontado com a reacção de Margarida no encontro dos três, mostra-se primeiramente compreensivo, tolerante e até piedoso, mas com a insistência por parte da mulher de que o rapaz é o seu filho Daniel, rapidamente se torna colérico, acusando-a de querer roubar-lhe o filho e consumando a agressividade na já referida violação.

Sobre Leandro, ainda que muito subtilmente, pairaria a incógnita da verdadeira identidade, não fora as palavras da sinopse e do narrador inviabilizarem tal entendimento. Repreendido pelo pai por ter levado apenas pão duro para comerem, assusta-se ao ver o lençol machado de sangue no estendal, é o primeiro a ir ao encontro de Margarida, com quem já come, à mesa, quando o pai aparece, e recusa-se a ir embora, sendo por ele forçado a isso. A última imagem desta personagem mostra-no-la à janela, a assistir à violação. A mesma janela pela qual Margarida o viu e o tomou por seu filho.

Uma nota final para Daniel, o filho de Fernando e de Margarida, do qual não se pode dizer propriamente que seja uma personagem. Nunca aparece, tão-pouco é caracterizado pelo narrador, uma vez que vive menos de uma hora. Apesar disso, a sua existência está na origem da história e “fala” em discurso directo no título do filme, definindo, postumamente, o enfoque pelo qual se pretende que o mesmo seja visto: o da mãe, na sua qualidade de mãe, porque é essa qualidade que origina diferentes momentos trágicos da história, perpetuados para lá da vida e da morte do filho.





A janela

Lugar de esperança, de encontro e de separação; lugar de visão e de ilusão; lugar de isolamento – tudo o que faz parte do que *a janela é, está* na janela de *A janela da minha mãe*.

Na primeira cena do filme, com Margarida à janela, olhamos de fora para dentro e, pela janela, entramos na vida da protagonista e na história. Este irromper repete-se no capítulo 3, com a câmara a levar-nos a entrar na casa pela janela e a assistir, a partir dela, ao que se passa no seu interior. Na última cena, a perspectiva inverte-se: novamente com Margarida à janela, agora de dentro para fora, o espectador olha e espera com ela.

Se intentarmos uma resenha das ocorrências associáveis à janela, teremos que: pela janela, o espectador invade, como um intruso, a vida das personagens, e partilha com Margarida a prece final; pela janela, o rapaz procura Margarida e vê o pai violá-la; pela janela, Margarida: encontra a paixão; alimenta a esperança; vê o rapaz; ilude-se de que é o seu filho; mantém-se isolada do mundo. Representa-se, assim, e em simultâneo, a concepção de lugar privilegiado do olhar e a consciência do desfasamento entre o sonho e a realidade, entre o que se espera e o que se alcança, entre o que se vê e o que é visível. E por esse desfasamento, e pela insuficiência para o olhar da janela aberta, resumiríamos *A janela da minha mãe* pedindo emprestado o primeiro verso de um poema de Alberto Caeiro: *Não basta abrir a janela*. Uma janela aberta não significa liberdade; uma janela aberta não significa verdade.

